

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

M E M O R I A L

Lucia Wataghin

**Concurso Público de Títulos e Provas Visando a
Obtenção do Título de Livre-Docência
Departamento de Letras Modernas
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**

São Paulo / agosto / 2011

MEMORIAL

Tutta la vita, m'avvedo, non ho fatto altro che ritrarmi; per dare di me poi un'immagine che non somiglierà: lusinghiera e reticente come ogni autoritratto (Camillo Sbarbaro)

Nasci aqui em São Paulo, em 1954; na época, meu pai lecionava física na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; minha mãe, que se formara em Ciências Sociais na mesma faculdade, era professora, já efetivada, numa escola do estado de São Paulo. Os meus primeiros anos de vida foram muito movimentados e até hoje não sei a sequência exata dos acontecimentos que me levaram, junto com a minha família, a morar na Itália. Ao escrever as primeiras páginas deste memorial, lembrei de um pequeno acervo de papeis que poderiam me ajudar a reconstruir esses anos; voltei então a ler cópias de cartas e documentos relativos às pesquisas de um grupo de físicos brasileiros, ativos no final do anos 40 e nos anos 50, material que me foi doado por Amélia Hamburger. Conheci Amélia, de saudosa memória, por ocasião de uma mostra sobre os primórdios do Instituto de Física, em 1996. Na ocasião, apresentei uma comunicação sobre a “missão” italiana no Brasil, o pequeno grupo de docentes italianos (entre os quais meu avô, Gleb Wataghin, e Giuseppe Ungaretti) convidados a lecionar na Universidade de São Paulo em seus primeiros anos de funcionamento. O trabalho, publicado na revista do IEB no mesmo ano, resultou do meu primeiro esforço sistemático de reconstrução das razões que me levaram – e a minha família – a viver quase que em constante transição entre Brasil e Itália.

A leitura da correspondência doada por Amélia desperta a memória do meu infantil entusiasmo pelo ambiente familiar, com seu gosto pelas viagens, o interesse pela pesquisa, pelas línguas, pela música. Entre as cartas selecionadas encontro as de meu avô para o grupo de pesquisadores em São Paulo, em “ordem anti-alfabética”, como escreve o autor das cartas: Georges Schwachheim, Jean Meyer, André Wataghin; do meu pai a César Lattes, a Klaus Tausk, a Meyer e a Schwachheim, a Leite Lopez, ao inglês Broadbent, convidando-o a dirigir o grupo paulistano de pesquisa em raios cósmicos, e preparando sua próxima ida, com bolsa, a Bristol. Nas cartas, escritas em várias línguas (português, italiano, inglês, russo), enviadas de lugares diferentes (São Paulo, Rio, Bolonha, Turim, Bristol), encontro muitas fórmulas físicas e matemáticas,

mas também detalhes pessoais, relatos de idas a concertos, declarações de saudades de meu pai e meu avô pelos amigos brasileiros. Minha língua materna foi o português: na Inglaterra, onde passamos o ano de 1957, a menina inglesa com quem costumava brincar informou à mãe, após meses de convívio comigo, que eu falava “outro canal”. Esse “canal” era certamente o português, porque ainda estava distante a época da minha aprendizagem do italiano. Em 1960 mudamos para Turim, onde frequentei os primeiros dois anos e meio da *scuola elementare*, e em 1963 finalmente a minha família se estabeleceu em Gênova.

Em Gênova, descobri que minha condição de estrangeira era algo raro nessa cidade, onde havia pouca imigração - quando muito, interna, do sul da Itália para o norte, industrializado - e não havia quase estrangeiros. As raras visitas de brasileiros, e episódios quais o encontro com um brasileiro que, ao ouvir nossas conversas em português, numa sala de cinema, pediu a mediação minha e do meu irmão para se apresentar aos meus pais, foram acontecimentos empolgantes da minha infância. Penso que a necessidade de apreender uma nova língua, aos seis anos de idade, foi acolhida por mim com filosofia, digamos, como um fato a ser enfrentado sem discussões, que levou, contudo, ao abandono total da dimensão ativa da língua materna. Enquanto meus pais continuaram comunicando conosco em português, fui apreendendo o italiano com novos amigos e na escola; mas lembro ainda (não sei se é fenômeno típico da aprendizagem de uma segunda língua na infância) o momento exato da entrada no meu vocabulário dessa ou daquela palavra, ou qual das crianças pronunciou pela primeira vez em minha presença novos termos em italiano ou em genovês.

Apesar de ter completado o ensino médio no *Liceo Scientifico*, a escolha da faculdade foi consoante com meus interesses na área de humanas; entrei na Faculdade de Letras, para estudar literatura italiana, e no segundo ano pedi transferência para a Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas, onde me formei (especialização em inglês e russo), cum laude, com uma tese sobre a correspondência de Katherine Mansfield. Nos anos seguintes, lecionei inglês em escolas públicas e *parificate* (reconhecidas pelo estado) em Gênova até receber, em 1981, uma bolsa de estudos para o UCD (University College Dublin, Eire), onde cursei dois anos do programa de *Master of arts* (não concluído) e lecionei como leitora junto ao Departamento de Italiano. Em 1982, recebi também resposta da Fundação Fullbright, concedendo uma bolsa de 4 anos para cursar um programa de doutorado na

Universidade de Buffalo (New York), mas resolvi concluir o ciclo de dois anos em Dublin e em seguida voltar para Gênova, onde lecionei por mais um ano, no mesmo *liceo scientifico* onde havia estudado. Com a morte dos meus pais, em 1984, o apelo da família materna e do Brasil – país que visitei só uma vez, desde a mudança para a Itália – tornou-se mais forte, e voltei, no final de 1986.

No Brasil, fixei residência em Santos, onde nasceu o meu filho André e onde comecei a lecionar, nos anos 1987 e 1988 no Centro Brasil/ Estados Unidos e italiano, em uma Associação Cultural Ítalo-Brasileira. No segundo semestre de 1988, mudei para São Paulo e ingressei no programa de mestrado em Língua e Literatura Italiana da USP, sob a orientação do prof. Teodoro Negri.

Devo registrar aqui também – e agradecer – a preciosa contribuição da profa. Loredana de Stauber Caprara, que discutiu longamente comigo meu primeiro projeto de pesquisa para mestrado, sobre a poesia “brasileira” (os livros *Il dolore* e *Un grido e paesaggi*) de Giuseppe Ungaretti, documento da trágica experiência brasileira do poeta, que aqui perdeu prematuramente o filho Antonietto, em 1939. Dois dos trabalhos de conclusão das disciplinas cursadas para o mestrado são, de fato, dedicados a esse tema – que retomei, muitos anos depois, ao escrever o pequeno ensaio “Amargo acordo”, que compõe o livro *Daquela estrela à outra* (2003), do qual falarei mais adiante. Mas o rumo da dissertação foi alterado pela decisiva influência do prof. João Alexandre Barbosa, que me contagiou, como a muitos outros, naqueles anos, com seu interesse pela crítica da poesia. Cursei a disciplina por ele oferecida, “Dois aspectos na tradição crítica da poesia moderna: Paul Valéry e T.S. Eliot”, para a qual escrevi uma monografia sobre Ungaretti leitor de Valéry e, por sugestão dele, iniciei a seleção, tradução, análise e comentários de ensaios críticos de Ungaretti, que constituíram minha dissertação de mestrado. Os ensaios (traduzidos em colaboração com Liliana Laganà e Maria Betânia Amoroso) e parte dos comentários - sob forma de prefácio e notas - foram publicados, em 1993, pela Edusp / Imaginário, com o título *Razões de uma poesia e outros ensaios*. A crítica de Ungaretti é um exemplo daquilo que Berardinelli chama de “ensaio como autobiografia e pedagogia literária”: é a crítica de um poeta, que oferece um panorama do mundo intelectual europeu do Novecentos, mas de seu ponto de vista extremamente subjetivo, apologético (“os poetas fazem apologias, não exegeses”, escreve Ungaretti), salientando as relações de sua própria estética com as posições e as obras desse ou daquele autor. Anti-crociano, Ungaretti defende-se dos ataques do próprio Croce e de

outros, afirmando a importância, para a poesia, da história e da tradição, e busca respaldo para sua poética de inocência e memória no binômio viquiano “fantasia / memória”; e relê a história da poesia italiana com especial atenção para os poetas que elege como precursores de sua própria poesia (Dante, Petrarca, Leopardi). Entre seus ensaios militantes mais interessantes, lembro sua “Defesa do hendecassílabo”, ocasião para expor, em polêmica com o crítico Francesco Flora, sua convicção de que esse verso é nada menos que “a ordem poética natural das palavras italianas”: uma ideia muito importante no processo de conciliação entre inovação e tradição que norteia sua poesia a partir dos anos trinta.

A dissertação contém também, como era de se esperar, uma seção brasileira, constituída por traduções e comentários de textos críticos ungarrettianos sobre Oswald de Andrade, Vinicius de Moraes, Murilo Mendes, o discurso pronunciado por Ungaretti ao receber o título de doutor *honoris causa*, em 1967, na Faculdade de Filosofia da USP, e uma entrevista que fiz, em 1991, a Antonio Candido sobre sua amizade com o poeta. Assim, além de constituir meu primeiro exercício importante de tradução literária, o mestrado cumpriu o papel de me introduzir ao tema das relações de Ungaretti com a literatura brasileira, tema ao qual me dedicaria nos anos seguintes.

Em junho de 1988, fui contratada como auxiliar de ensino junto à área didática de Língua e Literatura Italiana (Departamento de Letras Modernas) e no mês de agosto do mesmo ano comecei a lecionar disciplinas de língua italiana. Os meus primeiros anos na faculdade foram muito voltados ao estudo da didática da língua italiana, e participei de numerosos eventos, com comunicações e apresentação de novos materiais didáticos, com o estímulo e a orientação da prof.a Loredana Caprara, organizadora incansável de seminários de estudos, cursos de extensão, encontros de orientação técnica, na própria faculdade ou junto a órgãos do governo como a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Secretaria de Estado da Educação) e outras instituições, como os Centros de Línguas (ainda, do estado de São Paulo), o Circolo italiano de SP, o Colégio Dante Alighieri, e, por fim, de todas as atividades promovidas pela APIESP, Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo. Nesses anos, comecei também uma intensa atividade como tradutora, de textos literários, mas sobretudo de ensaios e textos técnicos, preparando o terreno para as reflexões teóricas que iria sistematizar numa disciplina de pós-graduação, “Literatura e tradução” (ministrada em 2003), e

acumulando experiência preciosa para a futura atividade de orientação de dissertações na área. Destaco também que participei do concurso para Habilitação de Tradutores Públicos e Intérpretes Comerciais, promovido pela Junta Comercial do Estado de São Paulo, em 1999, obtendo nota 9.75, e, com isso, o segundo lugar entre centenas de candidatos (acrescento com prazer que o primeiro lugar, com nota 10, foi da minha amiga e colega da UNESP Letizia Zini Antunes). Desse período, lembro também minha participação num NAP (Núcleo de Apoio à Pesquisa) interdisciplinar sobre o tema das relações Brasil/Itália, que contava com docentes dos departamentos de História, Geografia, Antropologia, Letras. Participei do Encontro Internacional promovido (na FFLCH) pelo NAP com a comunicação – da qual falei no começo deste memorial – sobre a missão italiana na USP, e quero lembrar e agradecer a consideração e simpatia demonstrada por um dos membros do grupo, o prof. João Baptista Borges Pereira, que propôs a publicação do meu trabalho à *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*.

Ao me inscrever, em 1994, no programa de doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, sob a orientação do prof. Davi Arrigucci Jr., confirmei a intenção de me dedicar integralmente à pesquisa e ensino na área de literatura, e gradualmente, no final dos anos 90, passei a lecionar disciplinas literárias. Paralelamente, graças ao contato com a área de TLLC comecei o estudo da literatura brasileira. Nesse caminho foram decisivas as duas disciplinas que cursei para a obtenção do título de doutor, ministradas por Davi Arrigucci Jr. e José Miguel Wisnik. O brilho das aulas desses dois professores é bem conhecido – tanto que tive sempre o cuidado de chegar cedo, para encontrar lugar para sentar em suas salas superlotadas – e conhecer análises e avaliações da literatura brasileira por assim dizer, de primeira mão, dos melhores críticos brasileiros, foi realmente uma das experiências mais enriquecedoras dos meus anos de faculdade. Consegui o privilégio de ser orientada por Davi com um pouco de insistência – tendo que aguardar um semestre para a liberação de uma vaga para mestrado – e graças ao interesse, por ele declarado, pela literatura italiana. De seu método de “desentranhamento” de significados e valores do texto literário, baseado na intuição e numa imensa erudição, estudei vários exemplos, não só nas aulas (lembro particularmente das aulas sobre o livro *Siciliana* de Murilo Mendes), mas também nos livros e no contato pessoal, para a discussão da minha tese em andamento.

Nesses anos, comecei também a participar da organização de eventos literários, entre os quais destaco a *Semana da Cultura Italiana / Vanguarda e experimentalismo*, em 1996, sob a coordenação do prof. Andrea Lombardi, que contou com a participação

de protagonistas de movimentos de vanguarda: além de Haroldo de Campos, expoentes do Grupo 63 e do Grupo 93, como Edoardo Sanguineti, Francesco Leonetti, Eleonora Fiorani, Lello Voce, além do crítico Aldo Tagliaferri; e o *Seminário Internacional “Ungaretti poeta de três continentes”*, organizado em cooperação com Andrea Lombardi, em 1997, com a participação de duas estudiosas da obra de Ungaretti, Alexandra Zingone (Universidade La Sapienza de Roma) e Isabel Violante Picon, pesquisadora na Sorbonne (Paris I) e autora de um livro sobre Ungaretti tradutor. Deste último evento surgiu a ideia de um dossiê “Ungaretti no Brasil”, a ser publicado na *Revista da USP*, com as contribuições de Mariarosaria Fabris, Andrea Lombardi, Alexandra Zingone, Haroldo de Campos, além de um texto de Pietro Maria Bardi, de 1985, sobre Ungaretti e o fascismo. Minha contribuição para o dossiê (publicado em 1998, no n. 37 da Revista) foi um texto sobre a tradução ungarettiana de um mito tupi (*Mai Pituna Oiuquau ãna*) – um dos textos mais fascinantes entre os que nasceram do encontro de Ungaretti com a cultura brasileira.

Minha tese de doutorado foi dedicada a esse encontro – focalizando a viva relação entre o poeta italiano e o movimento modernista brasileiro – um movimento que tem muitos pontos de contato com as vanguardas francesas ao lado das quais, vinte anos antes, em Paris, Ungaretti começara sua carreira poética. Contudo, a fase das vanguardas para Ungaretti estava definitivamente concluída e já a partir dos anos trinta ele afirmava a necessidade de “retorno à ordem”, aos clássicos, à tradição. Sua relação com o modernismo brasileiro repropõe os problemas da dinâmica vanguarda/tradição em uma situação nova. A antologia brasileira de Ungaretti é “modernista”, em suas duas versões, mas mais acentuadamente na segunda (1961); é resultado de uma escolha de parte, de solidariedade entre Ungaretti e os poetas modernistas que veio a conhecer e admirar aqui em São Paulo. A própria seleção do material é orientada pela *Pequena história da literatura brasileira* (1919), de Ronald de Carvalho, um dos mais ativos protagonistas (integrando a representação carioca) da *Semana de Arte Moderna* de 1922. Ungaretti não conheceu pessoalmente Ronald (que faleceu em 1935, antes de o poeta italiano chegar ao Brasil), mas certamente valorizou seu ponto de vista, ao escolher dar início à sua primeira antologia (1946) com três lendas indígenas – assim como Ronald inicia a periodização da literatura brasileira com um capítulo sobre a poesia e as lendas populares de origem africana e indígenas – e ao traduzir exatamente o poema de Tomás Antônio Gonzaga que Ronald citava integralmente em sua *Pequena história*. Em todo caso, Ungaretti faz também uma busca autônoma para selecionar os

três mitos – tupi, carajá, bororo – e um canto sertanejo que integram ambas as antologias. Mas a segunda antologia, intitulada *Pau Brasil*, última seção do livro *Il deserto e dopo* (1961), tem um caráter ainda mais claramente modernista, com a tradução das crônicas de Oswald em abertura, e os *Poemas da amiga*, de Mário de Andrade, que fecham o volume. A análise das duas antologias apresenta problemas críticos interessantes, não apenas do ponto de vista do próprio Ungaretti (em especial quanto à ideia do Brasil como símbolo da possibilidade de voltar aos primórdios, às “origens” da experiência, tema que desenvolvi em parte), mas também como panorama da história da poesia brasileira, com destaque para o movimento de recuperação modernista das “componentes recalcadas da nacionalidade” (Antonio Candido), ou seja, das influências primitivas, ameríndias e africanas, para a construção de uma nova nação e de uma nova cultura.

Mas a tese detém-se também no tema do exílio, ou da emigração - que estimula a busca de raízes ideais e a valorização da tradição em Ungaretti, que acabará se reconhecendo, após ter passado pelo Brasil, poeta “das quatro pátrias” (o Egito, a terra da infância e da primeira juventude; a Paris da formação; a Itália, o país dos antepassados; o Brasil, a terra da “experiência mais humana”) - mas lembrando como já no poema de abertura do *Porto sepolto* se colocava essa questão crucial, com o lamento pela morte do amigo e companheiro da primeira experiência parisiense de emigração, Moammed Sceab, “suicida perché non aveva più patria”. Enfim, atraída pelas coincidências das experiências de Ungaretti e Cendrars – amigos em Paris nos anos dez, ambos amigos de Oswald de Andrade, ainda que em tempos diferentes – me detive na análise dos “antecedentes” da experiência brasileira de Ungaretti: as relações entre a obra de Cendrars e os poemas franceses de Ungaretti e o projeto ungarettiano de contribuir à *Anthologie nègre* de Cendrars – que me pareceu um pré-núncio das antologias ungarettianas de poesia brasileira. Detive-me, ainda, nas relações entre o texto *Semantica* de Ungaretti, que li como resposta ao *Pau Brasil* oswaldiano, o próprio *Pau Brasil* e *Feuilles de route*, de Cendrars. Vejo agora que a tese poderia ter se concentrado mais diretamente nas antologias brasileiras e que o assunto está longe de estar esgotado.

Há ainda um trabalho que gostaria de registrar aqui, uma pequena coletânea de contos renascentistas italianos que organizei, com o título *Romeu e Julieta e outros contos renascentistas italianos* (trad. Nilson Moulin) para a editora Imago de Rio de

Janeiro, em 1996. A novelística italiana do século XVI é conhecida no mundo por ter fornecido temas a Lope de Vega, a Shakespeare e outros dramaturgos elisabetanos; e sabe-se que grandes autores de épocas diferentes, como Lope de Vega e Stendhal, tinham em grande consideração a obra de novelistas como Bandello. Mas é possível que o próprio confronto com as obras – demasiado superiores – de seus estimadores tenha prejudicado a recepção dessas novelas na própria Itália. A avaliação redutiva da crítica positivista, e mais tarde dos críticos de inspiração crociana, que definiram a produção narrativa quinhentista um “gênero menor” - e demasiado dependente do modelo decameroniano - está sendo gradualmente contestada, mas a questão, na história da língua e da literatura italiana, é mais importante do que parece. Não por acaso, as novelas renascentistas italianas constituem material privilegiado para estudos sobre o processo de transformação de formas elementares como o *exemplum*, o *motto* e a *facezia* nas estruturas complexas das “novelas”, e sobre classificação e tipologia da novelística – embora, como é óbvio, o ponto de partida permaneça o *Decamerão*. E trata-se aqui também de reavaliar a importância histórica do trabalho de língua, de estilo, as técnicas narrativas elaboradas nos séculos XVI e XVII, que certamente deixaram suas marcas na prosa narrativa italiana moderna. No entanto, mesmo para o leitor que não esteja interessado em problemas teóricos, as novelas italianas da Renascença apresentam grande interesse graças a seus temas fascinantes ou até simplesmente curiosos: não apenas os temas trágicos reutilizados por Shakespeare (*Romeu e Julieta*, *O Mouro de Veneza*) ou aqueles enredos das novelas de Giraldo Cinzio retomados por Lope de Vega em suas comédias, mas o tema das “burlas” como elogio da inteligência e escárnio da tolice, ou o tema da liberação dos sentidos e da afirmação dos prazeres amorosos ou, por fim, a indagação dos paradoxos da percepção, das ilusões dos sentidos, que atraiu especialmente autores como Doni, Castiglione, Manetti. Esse último tema é representado por uma das novelas mais interessantes da época: a famosa *Novela do Gordo entalhador*, única escrita pelo autor, Antonio Manetti, que relata uma incrível (mas histórica) burla organizada por um grupo de florentinos guiados por Filippo Brunelleschi (o famoso arquiteto), que consegue convencer o Gordo (do título) de que ele deixou de ser si mesmo, e se transformou em outra pessoa. Recentemente, voltei a me ocupar do assunto, e selecionei vinte novelas italianas, a pedido de Davi Arrigucci, para a editora Cosac Naif; infelizmente, o projeto não se realizou, mas a seleção, organização e bibliografia comentada que preparei para a ocasião serviram de base para

o volume *Quatro séculos de novelas italianas*, com traduções de Aurora Bernardini, atualmente no prelo pela editora Martins Fontes.

Conheci Aurora no final dos anos 80, bem no começo da minha vida em São Paulo; cursei uma das disciplinas por ela ministrada, sobre semiótica russa – outro curso em que o número de alunos superava o das cadeiras – que me ofereceu uma sistematização de noções da crítica estruturalista preciosas para os meus primeiros trabalhos sobre a poesia de Ungaretti. Aurora frequentava ocasionalmente um pequeno círculo de pessoas que mantiveram – e até hoje mantêm – o hábito de se comunicar em italiano. Havia muitas ocasiões de encontro desse grupo, em eventos ligados à literatura e cultura, e também, em reuniões informais que se davam frequentemente na casa de Andrea Lombardi e Susana Kampff Lages. Nesse ambiente, constantemente animado, discutimos, por anos, inúmeras questões: as pesquisas de cada um, novos livros e autores, a literatura, a cultura, a política no Brasil e na Itália, a política universitária, e, naturalmente, a situação do nosso pequeno grupo de docentes de italiano na Universidade de São Paulo. Foi na casa de Andrea e Susana, e por ocasião de eventos promovidos por Andrea, como o já citado *Vanguarda e experimentalismo*, que entrei em contato com Haroldo de Campos.

No começo dos anos 2000, Haroldo projetava, em colaboração com Aurora, a publicação de traduções da poesia de Ungaretti; aceitei com entusiasmo o convite – que recebi de Aurora – para participar do projeto. O livro foi publicado em 2004 com o título *Daquela estrela à outra* (um verso dos *Últimos coros para a Terra Prometida*) pela editora Ateliê. Aproveito aqui, mais uma vez, a ocasião para um agradecimento: ao prof. Plínio Martins Filho, editor da Edusp e da Ateliê, pela cordial amizade, a imperturbável cortesia, o empenho em suas impecáveis edições, pela Edusp e pela Ateliê, de três livros por mim organizados. O livro *Daquela estrela à outra*, premiado com o segundo lugar do Jabuti em 2004, traz as marcas da poética de Haroldo, com seu interesse pelas fases mais próximas das vanguardas, na poesia de Ungaretti – e mais distantes da poética de recuperação dos valores da tradição da poesia italiana. Haroldo manifesta preferência pela poesia da experimentação, da máxima inovação - em especial da primeira fase (*L'Allegria*) - fase da palavra isolada, essencial, da intensificação do valor da palavra - e da última (*Il taccuino del vecchio*), moderna expressão da estética do fragmento. E traduz até um dos poemas franceses, *Perfections du noir* – clara testemunha da adesão de Ungaretti à poética das vanguardas, dedicado ao amigo André Breton. Meu prefácio parte de reflexões de Haroldo, expostas no antigo ensaio

“Leopardi teórico da vanguarda” (1967) e no ensaio publicado em nosso volume, “Ungaretti: o efeito de fratura abissal”, que nota como Ungaretti dava uma importância especial à técnica da fragmentação do último Leopardi. Tento, no prefácio, definir a tradução de Haroldo como o extraordinário resultado de sua identificação com a poética ungarettiana de máximo radicalismo da linguagem. Busco um exemplo, na triangulação Leopardi/Ungaretti/Haroldo, de um verso representativo da poética do “efeito de fratura abissal”, do poder de concentrar na palavra uma intensidade vertiginosa. É um verso de Leopardi, *Spente nell'ìmo strideran le stelle*, um verso que Ungaretti imagina ter nascido da contemplação da paisagem noturna do mar do alto da pequena cidade de Recanati: o *ìmo* seria a água do mar, na qual parecem precipitar-se os astros “stridenti d'angoscia” [estridulando de angústia]. Ungaretti cita esse verso para mostrar como uma palavra (neste caso, o verbo *stridere*) pode assumir uma prodigiosa intensidade “numa dada linguagem poética”. A concentração da linguagem cria efeitos de expansão cósmica e de um simultâneo retorno à dimensão trágica: uma paisagem humana e sideral que Haroldo traduziu (a meu pedido) com efeitos de igual, espetacular intensidade: *No abismo extintas o estridor de estrelas*. O lado da experiência brasileira de Ungaretti é enfrentado por Aurora, que traduz integralmente *Il Dolore*, obra que analiso no ensaio “Amargo acordo”, incluído no volume. Os problemas enfrentados por Aurora em sua tradução são muito diferentes: trata-se da fase da escrita barroca de Ungaretti, com seu léxico rebuscado, sua sintaxe complexa, seu famoso hendecassílabo, no auge. Com ouvido finíssimo, Aurora traduz as mais difíceis provas “barrocas” de Ungaretti, resolvendo em português os mais delicados equilíbrios da mais árdua sintaxe ungarettiana. Aponto em especial para as belíssimas traduções dos poemas-apíce do barroco ungarettiano e, a meu ver, do inteiro livro: *Tu ti spezzasti, Amaro accordo, Incontro a un pino*, que interessam ao leitor brasileiro também pela tematização dramática do contraste Itália / Brasil, vivido com parcialidade compreensível somente à luz da tragédia da morte do filho: uma bipolaridade que Ungaretti eleva a símbolo da catástrofe, a emblema do conflito entre natureza e história, natureza e razão, medida e desmedida.

Volto agora à ordem dos acontecimentos. Em abril 2001, retomando a linha das reflexões sobre vanguardas, organizei um evento em colaboração com Andrea Lombardi e, ainda, Aurora Bernardini (FFLCH), Maria Betânia Amoroso (que representava então o NECLI, Núcleo de Estudos de Cultura e Literatura Italiana, da UNICAMP) e Benjamin Abdala Jr., para a Área de Pós-graduação em Estudos Comparados de

Literaturas de Língua Portuguesa e o Centro de Estudos Portugueses (FFLCH), com patrocínio CNPq e FAPESP e apoio da Secretaria Municipal de Cultura e, inclusive, da Revista Cult.

O seminário, com o título *Vanguardas na Itália e no Brasil*, contou com um discurso de abertura de Haroldo de Campos, a participação de dois convidados italianos (Ettore Finazzi-Agrò e Giorgio Patrizi, ambos da Universidade La Sapienza de Roma) e vários docentes, não apenas da área de italianística (Flora de Paoli, Mauro Porru, Adriana Iozzi) mas também de literatura brasileira (Augusto Massi, Maria Augusta Fonseca, Benedito Antunes, Telê Ancona Lopez, Carlos Berriel) e outras áreas (Jorge Schwartz, Luciano Migliaccio, Marcos Tognon, Susana Kampff Lages, Sérgio Medeiros).

Percebo que este memorial se torna, cada vez mais, terreno para agradecimentos e reconhecimentos da importância de muitas pessoas na minha vida acadêmica (e pessoal); não posso deixar de mencionar aqui minha cara amiga Maria do Rosario Toschi, preciosa e ativíssima colaboradora não apenas no evento acima citado, mas inclusive em muitos outros, por anos a fio. E lembro agora de um acontecimento pré-Lattes, que não encontro registrado em nenhum dos meus CVs e antigos relatórios: uma viagem à Itália para pesquisa bibliográfica, que realizei graças ao financiamento, obtido por Maria do Rosario, junto a não sei mais qual firma paulista (poderia reencontrar esse nome, talvez, na documentação da FUSP, que administrou a doação). Mas num dos armários das nossas salas na FFLCH ainda se encontra o acervo de 25 fitas gravadas de programas televisivos com a participação de Ungaretti, doadas, naquele verão (de 1996 ou 1997) por Carmen Glamuzzina, amiga de Ungaretti, que era, na época da minha viagem, funcionária da RAI, em Roma.

Mas volto ao encontro, experiência muito interessante que abriu novos caminhos e perspectivas: a mais importante, para mim, foi a realização da coletânea de ensaios apresentados durante o seminário, que organizei, pela editora Ateliê, com o título *Brasil Itália: Vanguardas* (2003), com financiamento FAPESP. O encontro partiu de uma proposta de exploração de várias ideias de “vanguarda”: vanguarda como ruptura com a tradição, com a “alta” cultura, com a cultura da classe “burguesa” e, por fim, vanguarda como experimentalismo e como ruptura das fronteiras não apenas entre países mas também entre diferentes artes e disciplinas. A coletânea é aberta pela transcrição do discurso de Haroldo de Campos que aponta para momentos especiais da relação entre poesia brasileira e italiana, desde os tempos do Barroco brasileiro até

Oswald de Andrade, mencionando muitas obras e autores, e privilegiando, naturalmente, os autores “recuperados” para a literatura brasileira por seu próprio empenho crítico e militante (os poetas barrocos, Sousândrade), para terminar com observações sobre a forte presença de Dante entre os poetas brasileiros, e sobre suas próprias “translumações” de Dante e “transcrições” de Ungaretti. De acordo com a proposta original do encontro, o livro conta com contribuições de várias áreas (literatura, arquitetura, música); destaco ainda, aqui, os ensaios de M. Betânia Amoroso sobre Pasolini e as vanguardas, de C. E. Berriel sobre Mário de Andrade e o futurismo, de Andrea Lombardi sobre Emilio Villa, de Aurora Bernardini sobre Ardengo Soffici e Mário de Andrade. Minha contribuição, além do prefácio, escrito em colaboração com Andrea Lombardi, consistiu num ensaio sobre Ungaretti e o *Pau Brasil*, no qual tentei demonstrar como o texto de Oswald produziu um choque que transformou a coletânea de traduções brasileiras de Ungaretti – quase – em um manifesto modernista.

Passo agora a comentar, mais rapidamente, minha segunda experiência de organização de encontros de grandes dimensões: o seminário *Nostalgia e identidade. Estudos de Literatura e Tradução*, realizado em cooperação com a Universidade de Lecce (Itália), em 2004, com patrocínio da FAPESP, do Instituto Italiano de Cultura e da Pró-Reitoria de Graduação da USP. Para evitar mais uma longa lista (os nomes dos participantes podem ser conferidos no folheto do evento, na documentação anexa ao memorial), destaco apenas os nomes dos convidados que deram continuidade à experiência anterior (Maria Betânia Amoroso, Telê Ancona Lopez, Flora de Paoli, Mauro Porru, Luciano Migliaccio), a presença de dois convidados de exceção, ambos vencedores do Jabuti em 2003 (Pedro Garcez Ghirardi e Susana Kampf Lages), a presença do crítico romano Alfonso Berardinelli - outro convidado de exceção, inesperado mas muito bem-vindo - e, por fim, os nomes dos convidados italianos, com os quais se estabeleceram, nessa ocasião, as bases de uma futura, importante colaboração: Vera Lúcia de Oliveira, Antonio Fino, Carlo Augieri, da Universidade de Lecce. No último dia do seminário, foi assinado um acordo de cooperação USP / Universidade de Lecce; o primeiro ato do acordo foi a concessão, por parte de Lecce, de três bolsas anuais para alunos da USP, junto à Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras de Lecce, então dirigida pelo Prof. Antonio Fino. Nos anos seguintes, outros alunos da USP cursaram disciplinas na universidade de Lecce; Vera Lúcia - minha cara amiga e preciosa colaboradora na organização do seminário - que era então professora de língua e literatura brasileira em Lecce, cuidou comigo, por vários anos,

dos trâmites práticos e burocráticos do intercâmbio de alunos entre nossas duas universidades. Em 2005, recebi, ainda de Lecce, convite e financiamento de viagem e estadia para ministrar conferências naquela universidade: duas delas foram dedicadas a Ungaretti, outras duas à teoria e prática da tradução poética de Haroldo e Augusto de Campos.

Com a transferência de Vera Lúcia de Lecce à Universidade de Perugia, o acordo não foi mais renovado, mas registro aqui, a esse propósito, que assumi ao longo dos anos a responsabilidade de mais dois convênios de cooperação internacional: com a Universidade de Turim (recém-assinado) e com a Università per Stranieri (UNISTRASI) de Siena. Esse último está em pleno funcionamento desde 2005, com a concessão (unilateral) regular de bolsas da UNISTRASI a nossos alunos; e frequentes visitas, a convite nosso e de outras universidades (como a UFSC) de docentes de Siena para ministrar cursos e participar de eventos aqui no Brasil. Em 2010, também recebi, e aceitei, um convite da profa. Lucia Strappini para ministrar uma palestra sobre a poesia de Dino Campana na Universidade de Siena, e colaborei, com dois textos, na antologia *Tempi di versi*, de autoria de um grupo de docentes de Siena (Lucia Strappini, Valentina Russi, Lucinda Spera), publicada pela editora Guerra de Perugia no mesmo ano. Aproveito aqui a oportunidade para registrar, entre os convites “italianos” do ano de 2010, o convite da profa. Amina Di Munno, da Universidade de Gênova, onde ministrei uma palestra sobre as traduções brasileiras da poesia de Campana e o convite da profa. Silvia La Regina, para ministrar uma palestra sobre a fortuna da poesia italiana no Brasil, na Universidade “Gabriele D'Annunzio” de Pescara.

Volto ao ano de 2005, em que fiz um convite ao prof. Alfonso Berardinelli, a ministrar um curso de pós-graduação junto ao programa de Língua e Literatura Italiana. O prof. Berardinelli é um crítico de grande valor e de fama internacional: apesar disso, obter a aprovação da disciplina pela nossa Pró-Reitoria de Pós-Graduação não foi fácil, porque o Regimento da Universidade permite só em casos excepcionais que um curso de pós-graduação seja ministrado por um docente não “doutor” (tal é o caso de Berardinelli). Finalmente, obtive a autorização (e relativos financiamentos da Pró-Reitoria e da FAPESP), solicitando e conseguindo a outorga a Berardinelli do título de notório saber, pela nossa faculdade. Para isso foram determinantes as cartas de apoio ao pedido de Alfredo Bosi e Davi Arrigucci Jr., aos quais vai, mais uma vez, meu caloroso agradecimento. A disciplina “Romance, poesia, ensaio. Aulas de teoria e história dos gêneros literários” foi ministrada no mesmo ano de 2005: uma ocasião única para

conhecer de perto o trabalho de um crítico brilhante, cuja vasta erudição e posições “fortes” e originais nos temas mais variados, de literatura, cultura, sociedade e política, impressionaram profundamente a mim e a alunos e colegas não somente da área de italiano. Durante a estadia de Berardinelli em São Paulo, surgiu a ideia de reunir os ensaios que serviram de base para as aulas e palestras ministradas. Esse livro, *Não incentivem o romance e outros ensaios*, que organizei pelas editoras Nova Alexandria e Humanitas, com um meu breve prefácio e traduções dos nossos alunos, oferece um panorama da literatura e da crítica italiana do Novecentos (romance, poesia, ensaio) - com toda a parcialidade e as preferências declaradas de um autêntico crítico militante. É um instrumento precioso de informação e debate, que consta em todas as bibliografias dos meus cursos de literatura do século XX, junto com outra coletânea de Berardinelli, de maior fôlego, organizada por M. Betânia Amoroso e traduzida por Maurício Santana Dias, pela CosacNaify (2007).

Em 2007, realizei um breve estágio de pesquisa no exterior, com bolsa FAPESP, com um projeto sobre os escritos inéditos de Dino Campana. A ideia de trabalhar com os inéditos (mais precisamente, extravagantes, ou seja não incorporados na obra principal) de Campana – que ainda carecem de uma edição crítica – surgiu da impressão, parcialmente confirmada ao longo de minha pesquisa – de que esse material é ainda mais interessante do que o próprio *Canti Orfici*, o único livro autorizado pelo autor. É verdade que alguns dos melhores poemas de Campana não foram incluídos nos *Órficos* – ou porque escritos *após* a publicação do volume, ou porque julgados (pelo autor) estranhos a seu núcleo essencial – mas uma séria análise dos extravagantes exigiria uma longa permanência na Itália, para o confronto com os manuscritos e antigas edições dos textos já publicados, durante a vida de Campana, em revistas da época. No fim das contas, julguei mais interessante me concentrar na obra central do poeta, com o objetivo de divulgá-la no Brasil, na forma escolhida por Campana. Contudo, o livro que resultou dessa pesquisa, *Cantos Órficos e outros poemas*, inclui também 20 dos textos extravagantes, escolhidos entre os que julguei os melhores de sua produção. O livro conta com as impecáveis traduções de Aurora Bernardini, que é também organizadora e autora das notas críticas do volume, em colaboração comigo.

Ao tentar reconstruir a história das minhas pesquisas campanianas, lembro agora que meu interesse e admiração foram despertados pela leitura (ou melhor, “releitura”, como diz Calvino a propósito de nossas leituras dos clássicos) de seu célebre poema *Genova*, muitíssimo bem traduzido por Aurora Bernardini e publicado na nossa *Revista*

de Italianística em 2005. Foi a partir desse poema, e de outros - relacionados com a cidade de Gênova por autores consagrados como Caproni, Montale, Sbarbaro e outros - que iniciei as pesquisas para elaborar o projeto para estágio pós-doutoral que realizei, de agosto 2009 a julho 2010, em Gênova, com bolsa CAPES. Nos dois anos que seguiram, no entanto, desloquei o foco da pesquisa dos poemas “genoveses” para um âmbito maior, compreendendo as relações de diversos poetas com diversas cidades e lugares e dando forma à tese que apresento agora para a obtenção da livre-docência.

Volto agora ao relato de minhas atividades, passando ao campo do ensino. Quanto ao ensino na graduação, o meu trabalho foi continuado, sem interrupções relevantes, desde 1988 até hoje: os primeiros dez anos foram dedicados quase exclusivamente ao ensino na área de língua, até que, a partir do final dos anos 90, passei a dedicar-me integralmente às disciplinas de literatura. Na pós-graduação, ministrei de preferência disciplinas ligadas às minhas pesquisas sobre poesia do século XX (com a exceção de um curso sobre literatura e tradução, em 2003), mas recentemente preparei um programa sobre o personagem nos romances de Svevo e Pirandello – tema inspirado na disciplina oferecida por Berardinelli - que ministrarei no próximo semestre.

Desde o meu ingresso como docente no Programa de Pós-Graduação, no começo dos anos 2000, orientei 11 dissertações de mestrado, além de alguns outros trabalhos de conclusão de outra natureza, e tenho 5 orientações, entre mestrado e doutorado, em andamento. Os temas de teses e dissertações são escolhidos, de preferência, de acordo com as linhas de pesquisa estabelecidas pelo programa, na área das relações entre literatura e cultura italiana e brasileira.

Quanto às atividades de editoração de publicações da área, lembro que o livro de Berardinelli foi o primeiro de uma coleção editorial promovida por um grupo de docentes da área de italiano, com o forte impulso de um grupo de alunos ativo há vários anos. Pela Coleção, que chamamos Coleção Estudos Italianos, já foram publicados, além desse primeiro e de um livro da colega Paola Baccin (para a série didática), dois livros de alunos, meus orientandos, pela série teses e dissertações: *Pirandello novellaro. Da forma à dissolução*, de Francisco Degani (Ed. Nova Alexandria/ Humanitas) e *A cozinha futurista*, de Maria Lúcia Mancinelli (Ed. Alameda). Entre a produção de meus orientandos, cabe-me ainda assinalar o livro *Machado de Assis. Presenze italiane nell'opera di uno scrittore brasiliano*, publicado na Itália (e, portanto, fora da Coleção Estudos Italianos) por Francesca Barraco, em 2009. Dando continuidade a suas

pesquisas de mestrado sobre Machado de Assis, Francesca tem ainda, no prelo, um livro pela mesma editora Keltia (Aosta), com o título *Machado de Assis. Adelaide Ristori. Cronache*.

O mesmo grupo de alunos que promoveu a iniciativa editorial, assinando suas iniciativas com o nome de “grupo Incubo”, deu início, em 2005, a uma série de encontros que foram progressivamente oficializados, cumprindo a importante função de estimular a apresentação de trabalhos e o debate em torno das pesquisas de cada um. Os primeiros dois encontros, que coordenei, em 2005 e 2007, foram realizados em cooperação respectivamente com o Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada (sob a coordenação da profa. Viviana Bosi) e com o Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (sob a coordenação da profa. Maria Betânia Amoroso) e resultaram na publicação dos dois primeiros números da *Revista Serafino / Cadernos de Pós-graduação do Programa de Língua e Literatura Italiana de São Paulo*. Outros dois encontros foram coordenados pela colega Cecilia Casini, durante o ano de meu estágio pós-doutoral, mas participei da realização do terceiro número da revista, e estou participando, atualmente, dos trabalhos para a publicação do quarto.

Meu engajamento institucional foi constante, tendo assumido a coordenação de nossa área didática várias vezes, nesses 23 anos, mas particularmente acentuado a partir dos anos 2000, quando, com a renovação do quadro docente, aposentadorias e novos ingressos, foi necessário um esforço excepcional para dar forma ao novo grupo da área e do programa. Fui coordenadora da graduação, pela última vez, nos anos 2001 e 2002, e coordenadora da pós-graduação em 2003 e 2004, vice-coordenadora da pós-graduação em 2005 e 2006 e, finalmente, coordenadora da pós-graduação no biênio 2008 e 2009. Nesses anos, destaco como trabalho de engajamento institucional, a coordenação e edição dos números de VI a XVII (entre 2003 e 2008) da *Revista de Italianística*, que reúne e divulga a produção de nossos docentes e de outros italianistas brasileiros e italianos com quem entramos em contato e colaboramos nesse período. Em 2005, completei o paciente trabalho de elaboração de um projeto para solicitação da implementação do programa de Doutorado em Língua e Literatura Italiana, que foi enviado, no final do ano, à primeira instância de avaliação, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação. Infelizmente, nosso programa ainda não contava com o número mínimo de orientadores exigido pela USP e pela CAPES, e só em 2008, quando reassumi a coordenação do programa, a situação estava madura - graças a novos credenciamentos

de docentes junto ao programa - para que pudéssemos reenviar a solicitação, com as necessárias modificações, à Pró-reitoria, que finalmente aprovou o pedido. Após muitas vicissitudes, em 2009 recebemos a visita de consultores da CAPES, que solicitaram a reformulação das linhas de pesquisa, de acordo com as orientações da CAPES para todos os programas brasileiros de pós-graduação. O debate com as duas coordenadora de avaliação da CAPES (lembro particularmente da profa. Célia Telles) foi muito interessante e frutífero e nossa CCP, recém-criada, - e particularmente com a ativa participação da colega Paola Baccin, então vice-coordenadora - conseguiu atender satisfatoriamente às novas exigências apresentadas. Saliento com muita satisfação essa conquista do nosso programa – criado como programa de mestrado em 1975 – que, após quase um quarto de século, conta finalmente com a extensão de suas prerrogativas para a formação de doutores em Língua e Literatura Italiana. Lembro ainda que, como coordenadora do programa no ano da constituição das CCPs, assumi o empenho de discussão e elaboração das normas que regem nosso programa. Finalmente, afastada das pesadas tarefas de coordenação do programa, assumi este ano o cargo de vice-chefe do Departamento de Letras Modernas.

Como docente do programa de Pós-Graduação, participei intensamente, e com muito prazer, de bancas de avaliação de dissertações e teses, na USP e em outras universidades: uma lista das minhas participações se encontra no meu curriculum Lattes, e é documentada, em anexo, pelos relativos atestados.

Nesses anos todos, dediquei-me também a atividades de extensão, ministrando cursos e palestras – dentro e fora da USP – para público universitário e extra-universitário: lembro aqui um curso de difusão cultural, sobre contos renascentistas (1996), que reuniu vários colegas da USP e da UNESP/ Assis; outro, sobre Ungaretti e os modernistas brasileiros, que ministrei em 2001 e que marcou o início de minha amizade e colaboração com a colega da UNESP Lenira Marques Covizzi (com quem assinei dois trabalhos publicados em revista acadêmicas, em 2005 e 2006); cursos ministrados no Centro Universitário Maria Antonia (2005) e na Casa das Rosas (2005 e 2009) em São Paulo; mas também cursos por mim organizados, e ministrados por colegas de outras universidades (“L’identità italiana e la storia”, por Guido Clemente, em 2006; “Il tema delle passioni in Giacomo Leopardi”, por Lucia Strappini em 2008; “Crise da Renascença e formação da modernidade italiana”, por Paolo Spedicato, em 2003); e organização e apresentação de inúmeras palestras isoladas, por ocasião de

visitas a São Paulo de intelectuais, escritores e colegas de outras universidades (Ermanno Cavazzoni, Ippolita Avalli, Mario Perniola, Rita Marnoto).

Cabe-me ainda assinalar, no campo da difusão cultural, algumas colaborações com as seções culturais de jornais como a *Folha*, o *Estado*, a *Folha da Tarde*, o *Estado de Minas*, o *Jornal da USP*, a *Revista Mosaico*, o *Giornale Italo-Brasileiro*, o *Corriere del Sudamerica*, o *Corriere* (SP), a *Settimana del Fanfulla*; e dois trabalhos de maior fôlego que fiz para a *Revista EntreLivros* (um sobre as rimas pedrosas de Dante, em 2006, e outro, um panorama da literatura italiana, com o título (redacional) “As várias línguas de uma literatura”, em 2008). Cópias desses trabalhos, e de outros, se encontram na documentação anexa a este memorial.

Quanto à colaboração com revistas acadêmicas, publiquei especialmente em nossa *Revista de Italianística*, mas também na *Revista Insieme* (FFLCH), na *Revista Língua e Literatura* (FFLCH), na *Revista da USP*, na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, na *Revista Portuguesa de História do Livro*, na *Revista de Estudos Italianos em Portugal*, na revista italiana *Campi Immaginabili*, na *Revista Poesia Sempre*. Lembro ainda breves prefácios, não ligados ao filão central de minhas pesquisa, que escrevi para apresentar o livro de Vera Lúcia de Oliveira, *Storie nella storia. Le parabole di Guimarães Rosa*. Lecce: Pensa Multimedia, 2006, e para os livros, que já mencionei, dos meus orientandos Francisco Degani, Maria Lucia Mancinelli, Francesca Barraco.

Para terminar, lembro das muitas participações em eventos e congressos promovidos na USP e em outras universidades: participei de eventos dedicados a temas específicos, na USP, na UNESP, na UFSC, e em eventos nacionais, como os congressos da ABPI, ANPOLL, ABRALIC, em diversas cidades brasileiras – todos, ou quase, listados e documentados aqui em anexo. Destaco, entre os mais recentes, os eventos em Assis (2007) e Florianópolis (2008, 2010, 2011) que foram ocasião para convites a participar de novos projetos e grupos de pesquisas. Lembro, em especial, o convite, que aceitei, para participar do Grupo de Pesquisa "Estudos Leopardianos", e do projeto “Tradução anotada e comentada do *Zibaldone di Pensieri* de Leopardi em português: 1817-1821” (Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES nº 02/2010), ambos coordenados pela profa. Andréia Guerini, da UFSC. O trabalho que mais me empenhou, nos últimos tempos, também se originou de encontros e discussões por ocasião de encontros e bancas, na USP e na UFSC. Trata-se do grupo de pesquisa “A literatura italiana traduzida no sistema literário nacional”, financiado pelo CNPq (Edital MCT/

CNPq/MEC/CAPES n. 02/2010), coordenado por mim em cooperação com os colegas Patricia Peterle e Andrea Santurbano da UFSC. O projeto tem como principal objetivo refletir sobre o percurso de obras ou fragmentos de obras italianas traduzidas no Brasil e sua circulação em ambientes e veículos culturais brasileiros, para compreender e analisar como se dá o diálogo entre os dois sistemas literários envolvidos, o italiano e o brasileiro. A primeira fase do trabalho - o levantamento de títulos das obras italianas traduzidas no Brasil de 1900 a 1950, para a elaboração de um dicionário bibliográfico – está quase terminada e os primeiros verbetes de nosso dicionário bibliográfico estarão em breve *on line*, à disposição dos interessados. Os dois grupos de docentes e alunos já tiveram uma ocasião de encontro presencial, durante a Semana de Letras da UFSC em Florianópolis, no mês de maio, e puderam trocar dados e experiências e discutir detalhadamente as modalidades do trabalho para o próximo futuro. Os primeiros resultados da pesquisa discente – apresentados no encontro de maio em Florianópolis – já estão no prelo, para um número especial da *Revista Mosaico*. A experiência de trabalho com o grupo de São Paulo e com os colegas e alunos da UFSC é altamente estimulante, e acredito que o quadro da recepção da literatura italiana no Brasil que estamos compondo será um instrumento importante para refletir sobre as duas culturas e literaturas, brasileira e italiana, e suas recíprocas relações. Acrescento que as atividades do grupo de São Paulo, constituído pelos pós-graduandos Adriana Duarte, Aislan Camargo Macieira, Erica Salatini, Francisco Degani, Ivair Castelanni, Roberta Belletti, Tadeu Macedo e a recém-doutora Sara Debenedetti, contribuiram para a integração entre os alunos, que participam cada vez mais de eventos e propostas de pesquisa, debates e publicações discentes, dando continuidade ao velho grupo *Incubo* (desse grupo restou apenas um aluno, Francisco Degani, ativíssimo organizador dos encontros discentes do Programa e coordenador dos trabalhos da *Revista Serafino*).

Para terminar, devo observar que, como lígure adotiva, e descendente de piemonteses, participo do espírito lacônico e um pouco reticente de meus conterrâneos, mas que minha profissão e talvez algo no meu sangue brasileiro devem ter corrigido minha natural resistência a falar de mim mesma e de minhas experiências. Enfim, entrego este memorial, deixando confinadas na epígrafe as reservas sobre a difícil arte do auto-retrato.